

Mulheres Negras Rurais: Resistência e Luta por Sobrevivência na Região do Tocantins (PA)

Benedita Celeste de Moraes Pinto

UFPA-Campus Universitário do Tocantins/Cametá

O momento do sobreviver é o momento do poder (CANETTI, 1995: 239). É no âmbito da luta pela sobrevivência que se evaporam a “fragilidade” e a “dependência” das mulheres negras rurais na região do Tocantins/Pará, mais precisamente no povoado de Umarizal. Mulheres sofridas, calejadas, envelhecidas pela dureza da vida e ressecadas pelo sol escaldante do dia-a-dia, cortam com machado, encoivaram, plantam, capinam e colhem. A elas estão designadas as tarefas ditas mais “leves” dos trabalhos da roça. Mas a elas também cabe o ato de gerar, parir, cuidar e alimentar os filhos. Atividades que se acumulam ultrapassando as barreiras da noção de “leves”, ganhando uma densa complexidade, mas possível para essas mulheres, que na labuta do cotidiano, na luta pela sobrevivência tornam-se fortes, independentes e detentoras de poderes.

Poderes que se entrecruzam e coabitam nos seus devidos espaços e momentos, e que se entrelaçam em tramas na vida diária, que tem a capacidade de ceder, de ocultarem-se quando necessário. Desde a formação dos antigos quilombos ou mocambos na região do Tocantins, mulheres parteiras, curandeiras e benzedeadas vêm desempenhando múltiplos papéis, como chefes de famílias, organizadoras e condutoras de rituais religiosos, líderes fundadoras de povoados.¹ Seguindo as mesmas trajetórias, as mulheres negras rurais de Umarizal (descendentes de antigos quilombolas de

¹ Como exemplo de liderança feminina em alguns quilombos da região e, posteriormente, em seus povoados remanescentes, deve ser citada a Negra Maria Felipa Aranha, que liderou o quilombo do Mola, um quilombo fundado na segunda metade do século XVIII, constituído por mais de 300 negros, que, sob a liderança dessa mulher, viveram ali por vários anos sem serem ‘ameaçados’ pelas forças legais. Maria Luiza Piriá, sucessora dos saberes místicos e da liderança de Maria Felipa Aranha, também marcou sua passagem no quilombo do Mola, organizando e chefiando rituais religiosos e administrando a própria vida dos quilombolas que ali viveram. Maria Juvita foi mais uma dessas mulheres, que fizeram a sua própria história no Tocantins, que ao migrar do Mola, fundou e liderou por muitos anos o povoado de Tomásia, e após a sua morte, suas descendentes a substituíram na liderança e chefia do povoado. As negras Leonor, Virgilina, Francisca, Maximiana e tantas outras, ao se embrenharem na mata, ajudaram a constituir o quilombo do Paxibal, no município de Baião.

Paxibal) há mais de um século, no intuito de sobreviver vêm tecendo uma trama composta por várias formas de poderes, que ora se diluem e ora se solidificam dependendo das circunstâncias em que surgem. Quando me refiro a poderes, falo dos saberes que essas mulheres acumulam ao longo de suas vidas. Suas invenções, reinvenções e improvisações na vida diária, que fazem com que elas se "tornem cada vez mais ladinas", espertas, fortes o suficiente para partejar, curar através das ervas e afastar a "panema" e a "malineza" dos encantados. Além de dominar quase que tudo no mundo do trabalho.

Ao passar dos anos, essas mulheres aprenderam a ouvir, através de discursos normativos, que as atividades destinadas a elas eram as mais "leves", como plantar, capinar e colher e as dos homens eram as tarefas mais "pesadas", como brocar, derribar, cavar. Na prática a divisão de trabalhos por sexo e a noção de "leves" e "pesados" não passam do campo das representações, uma vez que essas mulheres se equiparam aos companheiros, claro sem grandes conflitos, e juntamente com eles vão deixando na memória de seus descendentes a história de constituição de seus povoados.

Aos homens coube a destreza e resignação para a formação de um reduto, onde fosse possível viver longe da escravidão, na segunda metade do século XIX (quilombo do Paxibal). As mulheres, no entanto, não se ausentaram dessa luta e juntamente com os homens também tornaram-se "machos" quando passavam a desempenhar tarefas "específicas de homens" (caçar, derribar e coletar) e em contrapartida mantinham a organização, manutenção e proteção do antigo quilombo. Segundo Maria Odila da Silva Dias, com o processo de povoamento, a reparação de campos de atuação de homens e mulheres não corresponderiam as normas e convenções herdadas dos nossos colonizadores, mas a uma nova realidade de redistribuição de necessidades. Dessa forma, as tarefas específicas de cada sexo, nas diferentes classes sociais, no processo de colonização, não eram complementares e sim alternativos. Pois, procedia-se à substituição e à improvisação de homens ausentes. As mulheres eram forçadas a desempenharem na ausência temporária ou definitiva dos homens, muitos papéis ditos masculinos (DIAS, 1995: 53).

"Acho, assim, que as mulheres tinham participação em tudo. Desde o começo elas ficaram assim do lado dos homens. Era tudo junto, uma força unida na outra pra puder se manter e criar os filinhos. Até agora, a senhora vê aqui como elas trabalham, não

discansa quase. Tem o dizê que fala, aqueles trabalho mais leve é de mulhê, mas pra modo de dizê. Porque aqui elas fazem tudo tipo de serviço. tem muita da vez que o homem num tá ou fica duente, ou então ela não tem marido, aí cuitada ela tem que fazê a vez do homem e da mulhê.” [Manuel Silvério, Duca Pinto, 90 anos, Povoado de Umarizal]

Desmonta-se, dessa forma, o discurso de predomínio masculino cuja delimitação principal se constitui pela distinção de funções entre os sexos. Desse modo os “papéis informais, improvisados, têm um sentido importante na demistificação do tão discutido sistema patriarcal brasileiro. Por tradição e costume, a divisão de função entre os sexos era regidamente a parte e bem demarcada, estabelecendo-se esferas de atuação completamente e nitidamente separadas. De fato, a ausência do homem ou sua presença intermitente impunha com frequência não tanto a divisão como a alternância ou troca de tarefas” (DIAS, 1995: 53). O sobreviver torna-se a principal arma de luta capaz de impulsionar as mulheres negras rurais a praticar papéis, ora considerados de homens, como até mesmo chefiar a família:

“Acho que deve mandar os dois, homem e mulhê, mais a mulhê! Aqui eu. Primeiro era ele e depois eu tomei a frente, porque ele bebe e eu não teve mais fiança nele. Pegava o dinheiro e bebia, e, agora é eu que tomo conta tanto do serviço da casa como da roça. Ele vai assim dá aquela ajuda, mas quem toma conta é eu. Ele é que faz a roça e eu tomo conta, pra trabalhá eu mando o que é pra fazê.” [Felicidade Campelo, Fécidade, 69 anos, Umarizal]

A entrevistada Felicidade Campelo não descarta em sua fala a figura do homem, ela apenas faz uma inversão de papéis. Devido as circunstância, quando a bebida alcoólica fragiliza a liderança e a confiança depositada no companheiro, ela é obrigada a desempenhar papéis que são “próprios do masculino”. Torna-se organizadora e administradora dos trabalhos da roça e da casa acumulando, assim, a liderança do próprio lar. Suas aptidões e decisões não surgiram por acaso; ela herdou de suas ancestrais quilombolas a estratégia da improvisação: se de uma forma não é possível, inventa-se outra. O importante é enfrentar os obstáculos da luta; como verdadeiras artistas inventam e reinventam artimanhas capazes de enganar as dificuldades do dia-a-dia. Como plantas nascidas em escombros escuros, desviam caminhos, traçam rotas

inimagináveis à procura de um raio de sol que lhes garanta a sobrevivência. Claro que para isso elas se esmagam, envelhecem e enrouquecem, mas tornam-se fortes e, acima de tudo, sobrevivem.

“Naquele tempo ia pra bera tirá barro pela berada pra fazê panela, torrador, prato, tigela. Ainda aprendi um bucadinho. Aguidá,² tudo a gente fazia de barro (...). Cê nunca ouviu dizê nesse curuanã, que dá iguá um ananã que a gente planta, não ouviu dizê, não? Quando a gente morava no centro (Paxibal), a gente plantava uma arve (árvore) iguá ananã, mas ele não dá espinho na folha, é lisa. A gente tira aquela folha, no tempo que nós morava lá porque a pobreza era muito mesmo, batia bem, rasgava, limpava, lavava pra custurá roupa da gente. Fazia linha daquilo. E ele (Negro Sinfrônio) enfiava maço na agulha e custurava o carção (calção) velho dele. Esse velho Sinfrônio, 120 anos, velho maduro, contavam que não ficou com um dente na boca.” [Custódia Vieira, Zinha, 73 anos, Umarizal]

Através das experiências históricas dessas mulheres, no exercício de revisitar a memória, trazem em suas falas a astúcia da improvisação como aliada na luta pela sobrevivência, assim como evidenciam complexidades da divisão de funções por sexos. Nota-se sempre uma inversão de papéis masculinos e femininos: “mulherada que corta com machado”, ou o Negro Sinfrônio “que enfiava maço (de linha de curuanã) na agulha e custurava o carção (calção) velho dele”; ou então, de homens que fazem a alimentação para a família; costurar e cozinhar são tarefas supostamente consideradas femininas. A sábia arte de improvisar, inventar e reinventar acaba gerando saberes para as mulheres negras rurais. Consequentemente esses saberes transformam-se em poderes que se inter cruzam, se entrelaçam na convivência entre homens e mulheres.

Na encruzilhada da vida e na luta pela sobrevivência as mulheres de Umarizal vêm esboçando a sua história e a de seus descendentes. Uma história que não se registra nas letras, com escritos, mas que tem o poder de se perpetuar de uma geração para outra, através da oralidade, mediante as “lembranças dos mais velhos, daquilo que viveram e contam”.³ As suas vidas e de suas ancestrais desde o quilombo de Paxibal sempre estiveram voltadas quase que exclusivamente para o trabalho.

² O álgida é uma espécie de bacia feita de barro; muito usada no Tocantins para amassar o açaí, guardar o vinho deste e depositar o tucupi para em descanso recolher a tapioca, fécula extraída da mandioca.

³ Fala de um jovem habitante de Umarizal.

A iniciação no mundo do trabalho começava muito cedo (e ainda começa), entre os seis e nove anos de idade. Os meninos também eram iniciados da mesma forma, quando acompanhavam os pais na coleta dos frutos silvestres comestíveis da mata, um suporte alimentar importante, como, uxi, piquiá, bacuri, açaí e nos “mariscos” (ato de adquirir a alimentação) nos rios e igarapés a procura de peixes e camarão. Momentos em que os pés e as pernas começavam a ser treinados para a prática de longas caminhadas. As mãos e o corpo, de modo geral, entravam num ritual de amoldamento e preparação para o exercício de enfrentamento das várias etapas de trabalhos. As quais foram se acumulando conforme os anos passaram através do aprendizado básico de como sobreviver.

Enquanto estavam com os pais, o fruto do seu trabalho era direcionado a soma do montante para a manutenção da família (ainda é assim em Umarizal), composta por pai, mãe, irmãos e avós. Depois que casavam, passavam a constituir a sua própria família. Junto com o companheiro prosseguiam “maquinando” e articulando astuciosamente artimanhas nos trabalhos e na vida: “uma força unida na outra pra puder se manter e criar os filhinhos”, como dizem sempre.

As relações entre homens e mulheres, afirma Marina Maluf, estão entranhadas na base de toda e qualquer sociedade e encontra-se no cerne das identidades dos indivíduos. Assim as sociedades têm relações sociais historicamente definidas, elas têm relações de gênero específicas, objetivadas na promoção e destinação de distintos papéis e funções para homens e mulheres. Tais papéis e funções constituem atividades através das quais tanto os homens quanto as mulheres são estimulados a contribuir para a coletividade como um todo e são encorajados a definir ou procurar suas identidades (MALUF, 1995: 20-21).

Nas matas, as mulheres negras rurais de Umarizal, eram pares dos homens na coleta da castanha-do-Pará.⁴ Trabalho cansativo e desafiador, quando levavam dias no mato juntando e cortando castanha, com perigo de ficarem perdidos nas matas. No regresso para casa tinham que transportar as amêndoas da castanha acomodadas em grandes “paneiros de costa”. Às vezes era preciso mais de cinco viagens, nas quais

⁴ Segundo os velhos habitantes de Umarizal, a coleta de castanha teve mais expressividade entre as décadas de 40 a 50 na Região do Tocantins, faziam este trabalho não pelo preço da castanha, que por sinal era muito baixo para os coletores, mas porque necessitavam "granjear pouco a pouco o sustento dos filhos".

gastava-se dias devido a distância dos Castanhais, para transportar toda a castanha coletada. Na luta pelo sobreviver, essas mulheres, desafiavam as precariedades do dia-a-dia que viessem a surgir exercendo na prática alternâncias e inversões de papéis masculinos e femininos, já que passavam a desempenhar tarefas consideradas pesadas, de homens, como explicita muito bem o relato a seguir:

“Juntar castanha e cortar na mata era um trabalho muito duro e a gente não ganhava quase nada. Mas a pobreza era muita e a gente tinha que fazê, tinha que vivê, né? Tinha mulhê, cuitada, que era obrigada a fazê esse serviço dificutoso (difícultoso) pra pudê criá os filhos. Trabalhava de iguá pra iguá com os homens, carregava e tudo. A gente fazia aqueles tapiri (espécie de acampamento, cabana) de palha na mata pra ficá ali. E não era só isso, ainda tinha o susto dos cabocos (índios), eles viviam poraí, quando nem se pensava eles apareciam. Mataram muita gente nesse mato, no meio do castanhá (castanhal) “. [Marciano Neri, 75 anos, Umarizal]

A extração do leite da seringueira⁵ e da maçarandubeira⁶ era outra atividade, bem familiar para as mulheres rurais de Umarizal, cuja técnica e diferenciação de cortes elas lembram muito bem. Quando os “seringais dos centros” (em matas de terra firme) por serem longe eram cortados (riscava-se o tronco da árvore com facões apropriados) e o leite da seringueira era aparado em tigelas. Os “seringais da beira” (localizados nas ilhas) por serem mais perto eram cortados com machadinhas e o leite era aparado na casca de uruá⁷, coladas nos troncos das seringueiras com barro. Após alguns dias de

⁵ Na Amazônia, a extração e exportação da borracha ou látex extraído da seringueira (*Hevea brasiliensis*) teve sua fase áurea nas primeiras décadas do Século XX. As capitais, principalmente Belém e Manaus, foram embelezadas por praças, jardins, grandes lojas de luxo, teatros (como o teatro da Paz em Belém e o Teatro Amazonas em Manaus). Durante a extração da borracha na Região Amazônica os donos de seringais recebiam altos financiamentos pelas grandes casas exportadoras de borracha, sediadas sempre nas capitais, enquanto os seringueiros se endividavam dia a pós dia, presos a intermináveis dívidas no barracão (uma espécie de cantina, que fornecia gêneros alimentícios de primeira necessidades, a preços arbitrários aos seringueiros) do proprietário do seringal.

⁶ Árvore de grande porte da família das sapotáceas, de madeira com a coloração vermelho-escuro, dura e de grande resistência. Através de cortes por todo o seu caule obtém-se uma resina de cor branca (o leite da maçaranduba), um látex potável. No interior dos seus frutos há uma polpa comestível, de sabor adocicado e gostoso. Sua madeira é apropriada para dormentes, estacas e cercas. É conhecida cientificamente como *Mimusops huberi*.

⁷ O uruá (*Ampullaria*) é um gastrópode que vive nas praias e nos úmidos da floresta, cuja carapaça é muito utilizado na coleta do látex da seringueira, o sarnambi. Também é atribuído ao uruá certas propriedades de barômetro, pois afirmam os mais velhos, que dependendo de sua posição nos paus, marcará a altitude em que as águas dos rios podem alcançar, na época das cheias. Na região Tocantina é usado como medicamento contra tosse, sendo seus ovos aplicados nas luxações e a água que desprende do uruá velho, uma espécie de secreção, é remédio contra asma. Conforme afirmam velhos

corte a casca enchia e o leite coagulava. A partir daí acontecia a retirada do leite das cascas de uruá, o “sarnambi”, como chamam o leite endurecido. A casca vazia era então trocada de posição a espera de novos cortes.

"(...) Agora praticamente terminou a cortação da seringa, né? A gente não corta mais, não tem venda (...). Olhe a maçarandubera eles (homens) derribavam e agora porretava ele tudinho, cortava ela, agora deixava aquele leite escorrê. Eles preparavam aquela culhê (colher) de pau, agora a gente com a cuia (...) raspava tudo o leite daquele gorpe tudinho e agora a gente enchia bem (a cuia) e depositava dentro de uma lata de crozene (querosene), que naquele tempo vinha lata de crozene, né? A gente comprava pra quando era preciso. Quando era de tarde a gente vinha do mato, a lata vinha cheia! Que tem pau, tinha pau de maçaranduba que dava uma lata cheia, quando ela era bem leiteira a gente tirava uma lata cheia de leite. Só de um pau. (...) Quando eu fazia isso tava com uma idade assim de 18, 19 anos, 20!" [Felicidade Compelo, Fécidade, 69 anos, Umarizal]

Relatos dessa natureza são bastante comuns entre as mulheres de Umarizal, com mais de cinquenta anos de idade, que foram entrevistadas. Além da extração do leite da maçaranduba, elas também descrevem todo o processo de preparação do leite, que consiste no cozimento, defumação e embolamento. Tarefas, que elas também executavam juntamente com os homens. Dessa forma, as mulheres negras rurais de Umarizal ultrapassam a noção de “fragilidade” e “dependência” da figura feminina. Como pares dos homens, vão traçando, concomitantemente, com este, não a divisão do trabalho por sexo, ou ainda a prática de funções “leves” e “pesadas”, mas a alternância e as trocas múltiplas de papéis. Homens e mulheres partilham, pelo que parece, na luta, que tem sido para eles, o ato de sobreviver, força, saberes e experiências mútuas.

O desafio de sobreviver tem sido para essas mulheres uma luta constante. Na batalha em defesa da vida, elas escapam do campo das representações e vão marcando na memória dos seus descendentes as diversas estratégias de luta, onde formas e funções do trabalho praticamente não se configuram no seu espaço. No discurso há uma “harmônica” divisão sexual do trabalho, porém tal discurso não se fundamenta. Com objetivo de manter a família, dar o mínimo necessário aos filhos, elas não excluem tipo algum de trabalho. Os próprios moradores de Umarizal também dominam tal discurso

e velhas de alguns povoados rurais dessa região, o uruá também é propício às investidas dos caruanas que pretendem malinar com as mulheres.

ao declararem: “tem o dizê que fala que aqueles trabalhos mais leves é de mulhê, mas pra modo de dizê. Porque aqui elas fazem tudo tipo de serviço”.

Fazendo de tudo no mundo do trabalho, as mulheres de Umarizal, tornam-se guardiãs das matas, rios, igarapés e das experiências históricas do seu povoado e de seus ancestrais quilombolas. Quando a venda da borracha perdeu a expressividade, elas então, se voltaram para a extração da erva marapuama⁸ nas matas. Nos rios, continuaram dividindo espaços com os homens a procura de conchas. As expedições que seguiam mata a dentro a fim de “arrancar” a marapuama era composta por homens e mulheres, todos ligados por laços de solidariedade. A carne seca, o peixe salgado e o camarão assados na beira dos igarapés e o chibê de farinha de mandioca eram partilhados por todos no meio das matas. O instante de saciar a fome tornava-se um momento ritualizado de comunhão, “cada um dava o que tinha levado e quem não leva nada de comida não ficava com fome, tudo era dividido”.⁹

Os habitantes de Umarizal não conseguem explicar para que a marapuama era comprada, o que faziam com ela e nem para onde ia. Mas contam que tinham “comprador pra maior quantidade possível da raiz da marapuama”.¹⁰ Os compradores diziam “que era pra fazer remédios e perfumes”.¹¹ Sempre que narram o possível destino que era dado à erva marapuama, tanto homens, quanto mulheres esbanjam nos cantos dos lábios um sorriso irônico. Isso porque para eles a erva marapuama vai passando de uma geração para outra como afrodisíaco natural, usado tanto por homens como por mulheres. Percebe-se isso claramente no seguinte relato, onde, aliás, no próprio uso da erva há uma inversão de papel:

“Disque tinha comprador praí pra fora, pra fazê uma marca de remédio. A gente tirava muito aqui a marapuama. Até eu cheguei a tirá pra vende (...). Aqui serve, quando o homem tá caído pra ele voltá a ser homem de novo. Tem duas marca. O macho e a

⁸ A marapuama ou muirapuama (*Ptychopetalum olacoides*) é um pequeno arbusto, do grupo das olacáceas; também conhecida como muiratã e pau homem. É apontada como um dos mais poderosos afrodisíacos da flora Amazônica, principalmente para combater a impotência sexual. Seu caule e raízes são muito utilizados na região do Tocantins como tônico neuromuscular. Suas raízes também são utilizadas, em forma de banho ou fricções locais, no tratamento da paralisia, reumatismo, beribere e queda de cabelo. Suas flores são brancas de odor muito agradável São bastante utilizadas para a fabricação de perfume.

⁹ Fala de um dos habitantes de Umarizal.

¹⁰ Fala de dona Maria Madalena, 59 anos, Umarizal.

¹¹ Fala de dona Domingas Neri, 86 anos, Umarizal.

femia (fêmea). O macho tem o grãozinho e a femia tem a racha. Dizem que a femia serve pro homem e o macho pra mulhê. A gente também usa pra curá rematismo (reumatismo) e fraqueza da perna de criança que custa a andá. Faz chá ou banho. Isso eu sei”! [Raimunda Farias Neri, 69 anos, Umarizal]

A extração de concha nos rios era outra atividade praticada tanto por homens como por mulheres. Na ocasião da procura das conchas, as mulheres alçavam pairés (espécie de paneiro ou cesto feito de talas com alças na boca) no pescoço e mergulhavam nas partes mais “secas do rio”, iam juntando a concha de uma a uma e depositando nos pairés; quando estes ficavam encheios eram esvaziados em cascos (pequenas canoas feitas de troncos de árvore escavados); as mulheres voltavam novamente em mergulhos a vasculhar por baixo d’água a procura de mais conchas. Os homens procuravam nas partes mais profundas dos rios, mergulhando sem proteção alguma, cerca de 10 a 15 metros de profundidade.

Trabalho arriscado para ambos os sexos e até mesmo para as crianças que também tiravam conchas junto com os adultos. Uma vez, que a visibilidade em baixo d’água era quase impossível, “não enxergava quase nada”. Assim mesmo iam pelo fundo levando vagarosamente pés e mãos através do limo e da lama a procura de conchas. Havia constantemente acidentes por picadas de cobras, ferradas de araias e muitos casos de mortes por afogamento, quando muitas vezes o sumiço do corpo da vítima acabava se tornando em fatos misteriosos para esses trabalhadores e trabalhadoras.

O processo de retirar e procurar conchas era feito quando a maré estava baixa, “maré seca” e em período de escassez de chuva, entre os meses de julho a novembro, no verão da região. A venda da produção se dava no próprio povoado de Umarizal, para onde vinham os compradores em grandes batelões, trazendo tecidos, redes, açúcar, café e sal. Artigos estes, que na maioria das vezes eram trocados por conchas. Dessa mesma forma, também, se processava a venda da borracha e da marapuama.

“Aqui as mulherada tudo tirava concha. Eu tirei também. Nós tirava homem e mulhé. A gente tirava assim pela bera (beira) e os homens mergulhavam lá fora no rio, fundo mesmo, pra mais de quinze metro, a procura dessa bendita concha. Nós mulherada colocava o pairé aqui no pescoço e se aganchava de bunda pra cima e ia levando o pé e a mão pelo fundo, procurando concha. Achava e já pra dentro do pairé. A gente ia afoita

no trabalho que nem sentia quando estava mergulhada no fundão mesmo do rio. Aí voltava (voltava) pra respirá e continuava de nuvo. Quando o pairé enchia, pesava, o pescoço da gente ficava apertado, às vezes a gente se sufocava e tudo. Ah! Minha querida, tanta dificuldade (dificuldade) que nós passa pra criar os filhos junto com o marido da gente. E a senhora sabe que quando vinha do rio ainda tinha que tirá o bucho daquela concha, limpá tudo pra tê venda”. [Maria Madalena, 59 anos, Umarizal]

É importante salientar que as mulheres rurais de Umarizal e suas ancestrais do antigo quilombo de Paxibal sempre exerceram concomitantemente aos trabalhos, como, coleta de castanha, extração de borracha, colheita da marapuama e a tiração de concha, também as demais atividades ligadas à “lida da roça” e as tarefas domésticas, incluindo os cuidados com os filhos pequenos. As roças de mandioca, desde o antigo quilombo de Paxibal e posteriormente o povoado de Umarizal, sempre foram responsáveis pelo grosso da manutenção alimentar dos habitantes desses povoados. Visto que a farinha de mandioca é um componente vital na alimentação das populações rurais da região do Tocantins.

“Aqui o trabalho é a roça de mandioca. O marido derruba pra fazê o roçado, agora a gente ajuda a encuivará, ajuda a plantá, fica na capina. Depois de amadurecer a roça a gente fica na farinha. Quem mais trabalha aqui na farinha é a mulherada, é que os homens estão fazendo outros serviços. Às vezes eles vão trabalhar assim pra ganhar o diário, trocá dia em companhia (Associação de Pequenos Agricultores Rurais), serviço deles. Agora eles estão trabalhando em trocamento de dia”. [Domingas Vilhena, 49 anos, Umarizal]

Percebe-se, assim, que são atribuídas às mulheres as etapas de trabalho necessárias para a manutenção das roças. Uma vez que após a preparação do roçado, feito pelos homens, quando efetuam o “broque”, a “derruba”, a queima e a “coivara” são destinadas às mulheres, atividades como, plantar, capinar, colher e fazer a farinha de mandioca. Portanto, a elas são designadas as tarefas consideradas “mais leves” -plantar a “maniva” ou mandioca, capinar, no tempo da colheita, extrair os tubérculos da mandioca para o fabrico da farinha. O processo de “arrancar” a raiz da mandioca já se configura numa atividade bastante difícil. Dependendo do período em que isso acontece, o “leve” pode ganhar a conotação de pesado, pois nos períodos de seca, quando há escassez de

chuvas, a terra dos roçados fica rígida e bastante compacta, o que leva as mulheres a escavarem a terra com enxadas ou enxadecos a procura da raiz de mandioca.

Outra etapa demorada e complexa é a feitura da farinha de mandioca. Dependendo da qualidade da farinha a ser feita, essa tarefa pode variar de um até cinco dias. Se a farinha for constituída apenas da mandioca ralada é necessário o tempo suficiente para “arrancar” a mandioca na roça, carregar em “paneiros de costa” para a casa do forno, descascar, lavar, ralar, espremer a massa no tipiti, passar na peneira para granular e finalmente torrar em forno bastante quente por aproximadamente uma hora e 30 minutos. Mas se a composição da farinha requer mandioca d’ água, é necessário a espera de quatro a cinco dias para que a mandioca posta de molho na água amoleça. Após esse período, o passo seguinte é descascar a mandioca mole, amassar juntamente com a mandioca ralada, se desejar, e proceder da mesma forma já descrita anteriormente.

Considerando todas as atividades executada pelas mulheres, desde a manutenção da roça até a fabricação da farinha, onde elas encaram o calor infernal do forno. E comparando com as atividades masculinas é possível verificar o quanto é equivocada a classificação das tarefas entre leves e pesadas. Todas são atividades que exigem esforços físicos vigorosos. Embora no plano do discurso as funções masculinas possam assumir papel de destaque e importância, o que logicamente associa-se a força do homem e ao mando que este pode exercer sobre o chamado “sexo frágil”. Na prática isso só é possível no campo das representações, porque no cotidiano das mulheres negras rurais de Umarizal e nas suas experiências históricas está presente uma trajetória de luta, força e poder.

Nestas condições, a idéia de “fragilidade”, “dependência” e “submissão” feminina torna-se bastante complexa, pois depende muito do contexto em que a mulher está inserida e dos seus espaços simbólicos. Analisando as atividades desempenhadas pelas mulheres negras rurais, suas relações de gênero e suas experiências históricas percebe-se que nelas se expressam densos significados sociais e simbólicos de força, luta, individualização e poder. Talvez, nos povoados rurais da região tocantina, como em Umarizal, a “fragilidade” e “dependência” feminina estejam na encruzilhada dos poderes invisíveis de suas mulheres, quando estas reconstroem suas memórias e suas histórias.

É verdade que há todo um processo simbólico desde a fecundação dos filhos até o plantio da roça. O quê, de certa forma, enaltece o discurso da divisão de função por sexos e em contrapartida a submissão feminina. Isso fica evidente na fala de alguns informantes, quando afirmam que “é o homem que tem o filho,¹² a mulhê apenas cuida para que ele se desenvolva bem”. Fato que acaba se repetindo nos roçados de mandioca, milho e arroz, quando a figura masculina após efetivar a preparação do roçado e cortar as mudas de “maniva” ou mandioca a serem plantadas deixa para as mulheres levarem às covas tais mudas - o começo da vida - tomam todos os cuidados para que as manivinhas (pequenas árvores de mandioca) transformem-se posteriormente em vegetais enraizados o bastante para fornecer parte importante da alimentação dos filhos rurais.

Entretanto, as mulheres de Umarizal ultrapassam o discurso de “leves” e “pesados”, “papéis masculinos” e “papéis femininos”. No intuito unicamente de sobreviver, recriam espaços e estratégias de luta, e, assim, vão rompendo os possíveis laços de submissão aos homens, que na condição de seus pares, invertem os papéis e dependendo das circunstâncias tornam-se poderosas a ponto de administrarem os trabalhos da roça e exercerem a gerência do próprio lar. Dessa forma tornam-se “chefes” soberanas do seu “clã”. Além de gerar e criar os filhos, também executam várias atividades consideradas “pesadas”, de homens. Transcrevo a seguir a fala de uma dessas mulheres:

“Nós chega da roça (...) ainda vem trabalhá na casa. Só o que nós mulhê não faz é ruçá (roçar) e derribá. Agora encuivará, nos encuivara. Cava de enxada, corta de machado, nós corta de fuce (foice)! Tudo isso a gente faz! E quando a gente chega na casa, a senhora sabe, que ainda vem cuidá da casa, fazê o cumê (comida), vem lavá rupa (roupa), lavá as vasilhas da gente”. [Felicidade Campelo, Fécidade, 69 anos, Umarizal]

Para essas mulheres os trabalhos domésticos e o cuidados com os filhos sempre foram combinados com os trabalhos da roça. Por não ser possível estar em dois lugares ao mesmo tempo, então as mulheres de Umarizal solucionam este infortúnio levando os

¹² Neste sentido, Miridam Knox Falci faz uma rápida abordagem, no que, segundo esta autora, seria a noção da coisificação da mulher escrava, pois quando o senhor de escrava não tinha filhos com a esposa, mas tinha com uma escrava, esses filhos, eram dele em uma escrava: “A mulher escrava era praticamente vista como aquela que guarda a semente, mas não co-causadora do nascimento do filho. A mulher é a coisa, a matéria onde podem unir-se os elementos que produzirão um outro ser”. Mulheres do Sertão Nordestino: IN: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. P. 275.

filhos menores para o roçado, onde ficam alojados em casinhas improvisadas, os tapiris ou cabanas feitos de varas e palhas. Dessa forma, no espaço da roça e no tempo simultâneo que elas encontram, mantêm a guarda e os cuidados dos seus filhos. Protegendo e exercendo o papel de mães elas também preparam os futuros trabalhadores da roça. Após algum tempo, quando a filha mais velha já dá conta de fazer algumas atividades básicas da casa (como lavar roupa, varrer a casa, fazer a comida e cuidar dos irmãos mais novos) esta passa a ser a maior aliada da mãe, principalmente, nos trabalhos rotineiros da casa. Aí, reinicia-se uma nova fase, a menina de hoje (na faixa etária de 06 a 09 anos), começa a ser preparada para acumular todas as atividades da mulher rural do futuro, quando, como suas mães, vão combinar, no transcorrer dos dias e da vida, as tarefas domésticas com os trabalhos da roça.

“(...) Agora que eu tenho uma zinha (filha pequena) que já me ajuda bem. Lava roupa, vasilha, varre casa. Já é uma ajuda, né? Quando eu chego já tá feito isso. E essa minha zinha começou me ajudar com oito anos. Ela começou a fazê as ziscuisas (as coisas) na casa. Desde zinho eu levo pra roça, mas só pra brincar numa barraquinha que eu faço. Não vão fazer nada mesmo, só vão pra brincar (...). A mais velha é essa aí (...) está com doze anos. A gente deixa o que é pra ela fazê, ela faz tudo, graças a Deus. Cuida dos irmãos!” [Domingas Vilhena, 49 anos, Umarizal]

Os trabalhos da roça e as atividades domésticas estão interligados, pois ambos são vitais e fazem parte da realidade cotidiana vivida por essas mulheres. Não há separação entre a mulher da roça trabalhadora e a mãe, ao mesmo tempo em que ela ensina a trabalhar ela também transmite lições de vida aos filhos enquanto trabalha.

O destino de alguma menina rural de Umarizal e da região tocantina só tem margem para mudar quando ela sai do povoado para morar na casa de alguma família como empregada doméstica (vão morar com famílias nas cidades de Baião, Tucuruí, Cameté ou Belém). Em muitos casos não há salário pelo trabalho de doméstica, ganham em troca o tempo para ir a escola, material escolar e algumas roupas. “Quando a menina é ajuizada segue na carreira do estudo, encontra outra maneira e outros meios pra viver. Mas quando ela mete os pés pelas mãos, começa a namorar, se engravida, não casa. Não tendo estudo e nem emprego a solução é voltar”¹³ para o seu lugar de origem, onde vão

¹³ Fala de um habitante de Umarizal, ao contar de sua filha, de 15 anos, que saiu para estudar fora, mas ao

traçar os mesmos rituais no mundo do trabalho pelos quais passaram as outras mulheres rurais.

A vida toda das mulheres rurais de Umarizal é constituída por constantes trabalhos. Poucos são os momentos da vida em que não trabalham, como por exemplo quando ficam doentes, quando morre alguém da família (guardam oito dias de preceito, nesse período não entram na roça e não tocam em plantas. Dizem, que se assim, o fizerem as plantas morrem e a raiz da mandioca apodrece) e por ocasião do nascimento dos filhos. Após o parto, “guardam o resguardo de 45 dias”, quando não fazem nenhum serviço que esteja relacionado á roça. O homem, então, assume todas as atividades da mulher na roça e ainda ajuda nas tarefas domésticas.

O “resguardo” pós-parto representa para mulher rural um dos poucos momentos, como se diz em Umarizal, em que são “simplesmente mulheres” e mães. Ela saí, portanto, nesse período, do campo das "mulheres macho no trabalho". Enquanto o homem, por sua vez, é obrigado a acrescentar na sua rotina diária o trabalho de sua mulher. Os papéis mais uma vez se invertem, o homem executando as funções femininas ditas “leves”, que agora acabam sendo desmistificadas pelo próprio homem, quando afirma não saber “que mágicas as mulheres fazem para dar conta de tudo”.¹⁴ Pois, a partir do momento que assumiu tal atividade parecem que elas deixaram de ser leves, tornando-se pesadas, porque as mulheres consideradas mágicas, quando comparadas ao vigor e esforços físicos do homem, deixaram temporariamente seu posto e este, por sua vez, não consegue articular, improvisar e inventar como a mulher. Maria Madalena resume com poucas palavras parte da vida delas:

“Vocês tão vendo! Pelo tanto de serviço dificultoso que nós fazemos aqui, não era nem pra nos ficá rindo assim. Nós ainda encontramos prazer pra isso. Nas forga (folgas) a gente reune, assim como a senhora tá vendo agora e fica conversando, rindo! Como se diz porai: jogando conversa fora.” [Maria Madalena, 59 anos, Umarizal]

As mulheres de Umarizal são inseridas no mundo do trabalho entre os seis e nove anos de idade e vão até os anos da vida em que a estrutura física permitir. No decorrer da pesquisa foram entrevistadas várias mulheres entre os cinquenta e setenta e

engravidar parou os estudos e voltou para Umarizal para criar o filho.

¹⁴ Fala de uma jovem habitante de Umarizal.

cinco anos que ainda estão na ativa, acumulando e associando trabalhos da roça e da casa. Elas “são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida e não absolutamente como autônomatas, mais criando elas mesmas o movimento da história” (PERROT, 1988: 187).

Na povoação de Umarizal e nos demais povoados negros rurais da região tocantina as mulheres inventam caminhos, criam e recriam atalhos para sobreviver. Nessa trama de invenção e criação elas vão tecendo uma rede de solidariedade na vida cotidiana. Onde sacrifícios e dores, trabalho e lazer, alegrias e tristezas são compactuados de forma coletiva.

A mulher negra rural do povoado em questão herdou das ancestrais quilombolas do Paxibal o faro apurado para inventar, reinventar, inverter papéis e, acima de tudo a habilidade de incorporar no seu cotidiano situações arrojadas; a vida dessas mulheres sempre foi constituída de muito trabalho. É através do trabalho que elas garantem a sobrevivência. Trabalhos que vão com o transcurso do tempo passando por transformações, porque elas sempre vão tentando criar novas formas de trabalhar, o que gera novas funções e a tentativa de viver melhor.

A mulher rural não aceita simplesmente e se conforma com as tarefas cotidianas que tem que fazer. Ela é astuta e espirituosa bastante para recriar novas maneiras de trabalhar, capazes de apontar outros rumos para a nova geração que está nascendo no seu povoado. Essas tentativas de mudanças estão representadas pela formação de Clubes de Mães na década de oitenta, e nos anos noventa a formação da Associação de Mulheres e Associação de Pequenas Produtoras Rurais.

Referencias Bibliográficas

- CANETTI, Elías. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995
- FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordeste: IN: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina*. Belém: Editora Açai, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos*. Paka Tatu: Belém, 2004.

PORTELLI, Alessandro. “Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade”. In: *Revista Projeto História nº 14 (Cultura e Representações)*. São Paulo: Educ, 1997.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.